O PARAÍSO É AQUI. ENTÃO O INFERNO SOMOS NÓS?

Heaven is here. So are we the hell?

SILINGARDI, ANGELA A.T.
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), aluna especial da disciplina AQ134 - Planejamento Urbano como promotor da Cidade Saudável

RIGOLETTO, IVAN P.
Universidade Paulista (professor convidado) e executivo do setor industrial privado

Esta pandemia tem trazido algum pessimismo às pessoas. Ao observar os efeitos nos diferentes países, a reação dos povos e seus governantes, o estrago e as mortes na China, na Europa e agora no Brasil e nos Estados Unidos, voltamos aos conceitos de nossa infância sobre o planeta e sobre o Brasil. Deus nos protege; aqui, em se plantando tudo dá. Somos a espécie humana, seres racionais, criativos, dominamos o planeta e somos capazes de resolver todos os problemas do mundo. Mundo não, paraíso...

Só que não.... A pandemia de hoje parece ser meio cíclica se incluirmos a gripe espanhola e as pestes da Idade Média. Se a natureza e o planeta são realmente um paraíso, seríamos nós o inferno?

Voltando aos anos 70, vimos nos modelos matemáticos propostos no relatório do Clube de Roma os cenários possíveis da intervenção humana ao longo dos anos quanto à produção, população, poluição, recursos naturais e disponibilidade de alimentos (MEADOWS et al., 1972). Todos os cenários, em maior ou menor grau, apontam para algum tipo de colapso, seja a exaustão dos recursos naturais, a poluição exponencial, a falta de alimentos (chegando até mesmo a lembrar Malthus), e os reflexos na população. Em outras palavras, este relatório mostra que somos capazes de transformar o paraíso e interferir na natureza provocando uma cadeia de causa e efeito de proporções assustadoras.

Nessa mesma época, Herrera et al. (1976) apresentam um modelo diferente, que mostra que a deterioração do meio se dá em função de valores destrutivos presentes na sociedade e suas formas de organização, indo além do progresso em si. Este relatório também mostra que os resultados catastróficos previstos pelo Clube de Roma estavam presentes através das grandes desigualdades e miséria, propondo como uma das soluções a reorganização da sociedade.

Estes momentos provocaram certa tensão. Cerca de 15 anos depois, a Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (1988) liderada por uma jovem médica e política norueguesa, Gro Brundtland, publica o relatório Nosso Futuro Comum. Introduz-se o conceito de desenvolvimento sustentável, vinculando aí a economia com a ecologia, trazendo aos povos a responsabilidade pelos danos ambientais e pelas decisões que provocaram tais consequências. Pronto!!! As questões e os cenários catastróficos propostos pelo Clube de Roma e reiterados por Herrera agora estavam equacionados. Bastava implementar o que se definia como os “esforços comuns” e poderíamos, como espécie, controlar nossa ânsia predatória.

Triste engano... infelizmente, pouco dos esforços comuns aconteceram ao longo do tempo. Apenas para ficar no Brasil, adensamos as nossas cidades, nos tornamos mais energívoros, desobedecemos qualquer bom-senso no planejamento urbano, dos ambientes, economia e sociedade. E vemos isso se refletir agora, na pandemia atual, onde assumimos o protagonismo inverso ao desejado: estamos dia-a-dia nos aproximando da realidade infernal.

O conceito de desenvolvimento sustentável, quando não ignorado, foi transformado. De acordo com Daly (1996) este conceito deveria ser entendido como desenvolvimento sem crescimento, ou seja, maximizando o que hoje se conhece como economia circular e com novos conceitos de desenvolvimento. Mas, na verdade, desenvolvimento sustentável acaba sendo transformado em crescimento sustentável. Como havia sido proposto nos estudos mencionados, o crescimento pelo crescimento é insustentável.

Se a discussão renasce nos anos 70, vamos buscar lá mesmo a solução. Schumacher (1973) sugere uma abordagem criativa para um novo modelo de sociedade publicando *Small is beautiful*, trazendo conceitos que renascem nos dias de hoje a partir de artigos publicados ao longo do tempo.

As principais propostas - que fazem todo sentido hoje em dia - passam pelo reconhecimento da inexistência de crescimento infinito num mundo de recursos finitos, revisando o culto obsessivo a este crescimento e o conceito de que desenvolvimento econômico passa obrigatoriamente por industrialização. Ainda, as indústrias devem estar onde as pessoas vivem agora, e não em regiões metropolitanas para onde elas tenham que migrar, devendo também ser

de baixo custo para que possam se disseminar sem grandes investimentos, e seus processos de produção o mais simples possível. E, o mais importante, a produção de recursos locais se apresenta como a mais racional, a partir do uso de matérias primas locais para produzir produtos de consumo local (MACHLINE, 1982). Em outras palavras, um enfoque regional de desenvolvimento com uso de tecnologias acessíveis.

Schumacher propõe, ainda, o consumo consciente como um meio para se promover o bem-estar, e não como único objetivo da atividade econômica. E finaliza seus pensamentos indicando a valorização de quatro virtudes – prudência, justiça, força moral e temperança – no centro das transformações sociais. Curioso é que diversos destes conceitos reaparecem inseridos nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos em 2015 pela ONU e apresentado por Nações Unidas Brasil (2020), tais como fome zero e agricultura sustentável, redução das desigualdades, cidades e comunidades sustentáveis, consumo e produção responsáveis, educação de qualidade e energia limpa e acessível, e acima de tudo paz, justiça e instituições eficazes. É provável que tais objetivos, propostos para 2030, não serão alcançados em sua plenitude. Claro que em alguns países, eles estão mais próximos; em outros, como o Brasil, a distância nos parece maior. Se considerarmos que estamos todos “no mesmo barco” e agora na mesma pandemia, pouco importa estar em uma cabine de luxo num barco à deriva... uma hora o problema vai bater à sua porta.

Nos dias de hoje, Motomura (2020) questiona até que ponto a humanidade precisa de um processo de transformação cultural, saindo de um modo mecânico de ver a vida para uma perspectiva em que todos vejam a sociedade como um grande organismo vivo em contínuo processo de transformação. Indaga, ainda, até onde a pandemia pode abrir as portas, mais uma vez, para esta transformação cultural, trazendo como exemplo um mutirão de limpeza de uma floresta na Estônia – algo que parecia impossível, mas foi resolvido com o envolvimento coletivo de mais de 50 mil pessoas em um único dia de mutirão, provando que a comunidade consegue, quando tem um objetivo em comum, assumir a responsabilidade e trabalhar em conjunto na solução do seu problema, qualquer que seja ele.

Pensando na questão comunidade, problemas e objetivos em comum, e participação social, devemos buscar alternativas de como atingir resultados concretos. A participação social não acontece efetivamente a partir de decretos ou leis apenas, mas sim com o real envolvimento da comunidade, seus *stakeholders,* e com o reconhecimento de que seus anseios, necessidades, desejos e vontades são vistos e considerados com seriedade. Sperandio et al. (2019) estudaram um caso prático em Holambra/SP, através da aplicação de uma metodologia leve para a elaboração de um mapa de desejos comuns a partir da compreensão de conceitos referentes à cidade saudável, planejamento urbano e promoção da saúde, intersetorialidade, potencialidades e dificuldades locais, que resultou em uma visão mais pragmática e associada a aspectos da vida em comunidade, quando comparada à visão do poder público, baseada em paradigmas conservadores de desenvolvimento (árvores e lombadas *versus* indústrias). Sem dúvida, é um método que pode ser aplicado em outras comunidades e uma forma de dar voz a elas..

Ao reorganizar este mosaico de conceitos à luz das questões dos dias de hoje, sobram algumas reflexões centrais. Quando olhamos para os outros procurando solução, sempre procuramos soluções complicadas. Quando pensamos em soluções mais simples, dependente mais de pessoas e dos relacionamentos humanos do que de tecnologias de ponta, como fazem alguns povos resgatando conceitos antigos que promovem a vida e convivência em comunidade (mais bicicletas, produção local de alimentos, comércio local), vemos que os resultados aparecem e se sustentam. Ou seja, ainda que sejamos inferno, podemos melhorar....

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COMISSÃO MUNDIAL SOBRE MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. **Nosso futuro comum**. Rio de Janeiro: FGV, 1991 (ed. original 1987). 430p.

DALY, H. Sustainable growth? No, thank you. In: MANDER, J.; GOLDSMITH, E. (Orgs.). **The case against the global economy.** San Francisco: Sierra Club Books, 1996. p. 192-196.

HERRERA, A.O. et al. **Catastrophe or New Society? A Latin American World Model**. Ottawa: International Development Research Centre, 1976. 108p.

MACHLINE, C. **Resenha bibliográfica**. Revista de Administração de Empresas. Vol.22, n.3, p.68-69, 1982.

MEADOWS, D.H. et al. **Limites do Crescimento**. São Paulo: Perspectiva, 1973 (ed. original 1972). 203p.

MOTOMURA, O. **Reflexões OM sobre o que vem acontecendo no mundo (2020).** Publicado em 29/3/2020. Disponível em < https://amana-key.com.br/blog/>. Acesso em 27.Mai.2020.

NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável**. Disponível em <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em 27.Mai.2020.

SCHUMACHER, E.F. **O negócio é ser pequeno**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981, 3ed. (ed. original 1973). 261p.

SPERANDIO, A.M.G. et al. Local wishes map as a tool for promoting dialogue and developing healthy cities. **PARC Research in Architecture and Building Construction**, Campinas, SP, v. 10, p. e019002, jan. 2019.

SOBRE OS AUTORES

Angela Alessandra Torezan Silingardi

Arquiteta e Urbanista (PUCCAMP, 1992), especialista em Patrimônio Arquitetônico – Teoria e Projeto (PUCCAMP, 2000), especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho (UNIP, 2019), cursa disciplinas como aluna especial no programa de pós-graduação em Arquitetura, Tecnologia e Cidade da FEC Unicamp, atualmente cursando a disciplina AQ134 - Planejamento Urbano como promotor da Cidade Saudável.

angelasilingardi@gmail.com

Ivan de Paula Rigoletto

Engenheiro Químico (Unicamp, 1992), Engenheiro de Segurança do Trabalho (Unicamp, 1995), Mestre em Engenharia Civil (Unicamp, 1999), MBA em Gestão Empresarial (FGV, 2008), Doutor em Engenharia Mecânica (Unicamp, 2010), atua como executivo no setor industrial privado.(mineração) e é professor convidado no curso de especialização em Engenharia de Segurança do Trabalho na UNIP Campinas

ivanrigoletto@gmail.com